O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2004 - ANO VIII - Nº 91

EDITORIAL

Há 50 anos, na manhã de 24 de agosto de 1954, morria Getúlio Vargas, uma das personagens mais polêmicas da história do Brasil, que, por dois períodos, ocupou a presidência da República.

Popular e carismático, amado por uns e odiado por outros, Vargas foi pioneiro no uso do marketing político dirigido às massas. Sua imagem começou a ser forjada assim que chegou ao poder, em 1930. Por meio da manipulação de instrumentos de propaganda por ele criados, foi ganhando popularidade numa época em que o personalismo dos governantes assegurava o controle sobre as massas. Assim, ele foi pioneiro no uso do rádio, criando o programa "A Voz do Brasil": seu discurso doutrinário chegava aos lares de milhares de brasileiros, tornando-se conhecido e fortalecendo sua base de sustentação. Essa figura construída servia de exemplo a ser seguido, inaugurando um novo tempo em que o Estado intervinha legitimamente em esferas até então intocadas da vida social, promovendo tanto o desenvolvimento econômico quanto o sócio-cultural. Durante o primeiro período em que exerceu o poder – 1930 / 1945 –, implementou uma série de medidas que viabilizariam o processo de industrialização, promovendo o ensino técnico e o controle pelo Estado das indústrias consideradas estratégicas. Piquete se beneficiou desse período com investimentos na Fábrica de Pólvoras, que teve seu parque fabril ampliado, bem como obras sociais, educacionais e culturais. Esta era uma meta perseguida pela política de Getúlio Vargas: superar anos de atraso promovendo o progresso. Uma série de medidas trabalhistas que vieram a beneficiar o operariado fizeram com que Getúlio viesse a ser conhecido como "o pai dos pobres".

Passados 50 anos de seu suicídio, devemos fazer um balanço do legado social promovido por esse personagem. Piquete, cidade operária, tem Getúlio Vargas em sua memória – por duas vezes visitou o município, dirigindo-se às obras de expansão da Fábrica de Pólvoras, que, por meio de ato ministerial de 8 de dezembro de 1942, passou a se denominar Fábrica Presidente Vargas.

Reprodução

A idéia de democracia e o exercício do voto tiveram sua origem com os gregos. Foi grande a influência da cultura helênica no mundo ocidental. Eles contribuíram em todas as áreas do conhecimento. Na foto, o Parthenon, na acrópole de Atenas, na Grécia.

Quem sabe faz a hora...

Geraldo Vandré, compositor e cantor, em sua famosa canção "Pra não dizer que não falei das flores", num verso inspirado, diz "*quem sabe faz a hora, não espera acontecer*".

Aproximam-se as eleições municipais de outubro, quando elegeremos prefeitos e vereadores. Mais uma vez assistimos a diferentes candidatos a cargos eletivos fazendo promessas e mais promessas, vendendo para a população um mundo de ilusões e mentiras. Alardeiam ser os mais capazes, competentes e experientes para transformar o município. Esquecem-se, no entanto, de dizer como pretendem tornar realidade o sonho há tanto acalentado pelos piquetenses, de ver nossa Piquete desenvolvida, urbanizada, com infra-estrutura básica, com meio-ambiente preservado, enfim, bem sucedida como tantas outras pequenas cidades.

Promessas vazias e desprovidas de conteúdo é o que mais se ouve nesse período. A população já se cansou. Está descrente. Há uma frustração generalizada com relação à classe política.

Para reverter essa situação é preciso que nós, os eleitores, passemos a analisar imparcialmente os candidatos, observando seu currículo profissional e sua história de vida. A escolha deve vir somente depois dessa análise.

Precisamos colocar Piquete no caminho do crescimento e do desenvolvimento, olhando para o futuro.

Nos últimos anos, houve uma acelerada transformação da sociedade mundial, fruto do desenvolvimento tecnológico e dos novos conhecimentos que nos chegam de imediato via internet ou outros meios de comunicação. É preciso nos ajustarmos aos novos tempos. Assim, a maneira de administrar as cidades também mudou. Para fazê-lo, é preciso conhecimento e coragem para romper uma série de hábitos, preconceitos, rotinas e vícios consolidados ao longo de décadas.

Os candidatos piquetenses, na maioria, têm os olhos voltados para o passado, num saudosismo de tempos que não voltam mais.

Precisamos de um prefeito combativo e tecnicamente informado, que administre a cidade com uma visão moderna, que busque resultados e qualidade total em seus diferentes projetos. Ele deve trabalhar objetivando proporcionar benefícios e qualidade de vida para a população. Com a globalização, as administrações buscam parcerias com novos mercados e até com outros países. São necessárias políticas mais eficazes e de cobrança de resultados de sua equipe. Hoje, ou a adminstração pública se moderniza, ou estará sendo diariamente superada. A globalização matou o amadorismo. Todos têm que se profissionalizar. Cada vez mais qualidade e eficiência são exigidas dos homens públicos.

As eleições estão aí. Os candidatos estão nas ruas. É hora de questioná-los e de conhecer suas idéias e projetos. Para nós, eleitores, a hora é esta. Quem souber, que faça a hora... Caso contrário, passados mais quatro anos, só nos restará lamentar.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

O prédio do antigo Hospital da Fábrica teve várias funções desde sua inauguração, em agosto de 1937, durante a gestão Gomes Carneiro. Atualmente, nele funciona o Forum de Piquete. Na foto de 1942, quando lá ainda funcionava o Hospital, vemos o Dr. Tibúrcio ladeado pelos seus colaboradores.

O Antigo Hospital da Fábrica

Foi durante a administração do Cel. Gomes Carneiro, quando à frente da Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete (1935 – 1940), que um amplo projeto social voltado para o operariado teve início e acabou por transformar a cidade. Esse trabalho beneficiou não somente os operários e seus familiares, mas estendeu-se, indiretamente, a todos os munícipes.

Piquete deve muito a esse cidadão, que planejou e executou inúmeras obras sonhadas pelo operariado, que lhe proporcionaram um salto na qualidade de vida. Muitas dessas obras, cuja necessidade premente não admitia contemporizações, foram corajosamente iniciadas logo no início de sua gestão.

Por aquela época, havia o grave problema de falta de moradia na cidade. Gomes Carneiro deu início à construção de casas para oficiais, funcionários e operários, cassino e cinema para oficiais, restauração e ampliação de diversas oficinas fabris, estação telegráfica com residência para o telegrafista, açougue, oficinas de estamparia, Grupo Escolar da Fábrica, arquibancadas do "Stadium" do Estrela, calçamento de ruas, pontes sobre o rio Benfica e a construção da igreja de São José – quase toda uma obra da Fábrica e seus operários. Outro projeto de vulto por ele iniciado foi na área da Educação – no dia 19 de novembro de 1939 foi criado o "Patronato da Fábrica de Piquete", destinado a manter sob proteção os filhos dos operários com idade entre 14 e 18 anos. A eles ministrava-se instrução profissional, moral e física. Essa iniciativa foi o embrião da futura Escola Industrial e da bem sucedida experiência educacional ocorrida em Piquete nas décadas subsequentes. No setor da saúde, Gomes Carneiro promoveu mudanças substanciais. Junto com o Cap. Médico, Frederico Eisenholn, elaborou uma série de medidas visando a promover a saúde do operariado, visto ser a organização da Medicina do Trabalho a pedra angular da indústria moderna e a proteção médico-psicológica do trabalhador garantia do rendimento da produção fabril e a base da prevenção de acidentes. Assim, deu início à construção de um Hospital Farmácia, localizado numa elevação à margem esquerda do rio Sertão, com a frente voltada para a Vila da Estrela. A obra foi considerada arrojada para a época. Após vencer toda série de dificuldades, foi inaugurada em 25 de agosto de 1937. O evento contou com a presença do Cel. Gomes Carneiro, oficiais, operários da Fábrica e da população piquetense, que, entusiasticamente, aplaudiu a inauguração. Após os discursos e agradecimentos, as autoridades visitaram o novo hospital, que foi benzido pelo Padre Osvaldo Bindão. O prédio abrigava quatro enfermarias com onze leitos, consultórios de clínica médica, clínica ginecológica, salas de raio X, de curativos e de esterilização, e copa e cozinha.

Em julho de 1939, quando de sua visita à Fábrica, o Presidente Getúlio Vargas conheceu o Hospital, percorrendo suas dependências acompanhado pelo seu Diretor, Dr. Einsenholn, que lhe expôs o programa de ampliação do Setor de Saúde da Fábrica.

Em fevereiro de 1944, foram iniciadas as obras de um novo hospital, maior e mais equipado. Enquanto este era construído, foi inaugurada, em 21 de abril de 1947, no antigo hospital, uma sala de cirurgia. Essa obra foi fruto do trabalho dos cirugiões José Otávio Lobo e Agnaldo Cleto Antunes.

Em 28 agosto de 1948, com a presença do Presidente da República, Gen. Eurico Gaspar Dutra, do Governador do Estado, Adhemar de Barros, e diversas outras autoridades, foi inaugurado o novo Hospital da FPV e o antigo prédio passou a abrigar, provisoriamente, a maternidade. Mais tarde, nele foi instalada uma bem equipada farmácia. Atualmente, abriga o Forum de Pique. Muitos piquetenses ainda se lembram das diversas funções que aquele antigo prédio abrigou. Reverentes, recordam-se dos funcionários, dos médicos Tibúrcio, Frederico, Lobo e Agnaldo Antunes, dos enfermeiros José Viana e Dario Lacerda, Luiz Marcolino e Montenegro do radiologista Raimundo Galvão, de Zé do Vale e tantos outros.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração*:* Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Apoio cultural: Fazenda Mundo Novo I

Tiragem: 1000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Zé Rosa

Dono de um senso humor contagiante, o filho de Maria Rosa da Conceição Silva, José Rosa da Silva, nasceu no bairro do Campinho, em Guaratinguetá, em 12 de fevereiro de 1917.

De família pobre, até os quatro anos morou com os padres do Colégio São João, em Guaratinguetá, quando foi residir na fazenda Santa Maria, no caminho de Cunha, de propriedade da família Paula Santos. Na fazenda, trabalhava de sol a sol, no trato do gado e na lavoura. Explorado pelos donos, sem estudo e melhores perspectivas, lá permaneceu até os 19 anos, quando fugiu para Pindamonhangaba, apresentando-se como voluntário no quartel daquela cidade.

O acaso levou-o a tornar-se motorista do coronel comandante, mesmo tendo como experiência de direção apenas um velho caminhão da Santa Maria. Prestativo, agradou seu superior, que o manteve no cargo, utilizando-se de seus serviços também para atender à sua família. Aproveitou esse período no quartel para receber as primeiras instruções de estudo. Em 1939, deu baixa, indo trabalhar na rede ferroviária Pinda – Campos do Jordão. Continuou, no entanto, requisitado pelo Exército para a função de motorista do coronel comandante.

Influenciado pelos amigos de farda, abandonou o emprego, seguindo para São Paulo. Na capital, permaneceu por pouco tempo, até que soube que a Fábrica de Pólvoras e Explosivos, em Piquete, estava contratando novos operários. Voltou, então, para o Vale do Paraíba. Foi contratado em 02 de janeiro de 1942, como jardineiro.

Fez um curso de enfermagem ministrado pelo Dr. Tibúrcio Ferreira, no antigo hospital da Fábrica (atual Forum). Não se adaptando, conseguiu transferência para o setor de transportes, passando a dirigir o ônibus que conduzia os oficiais da Vila Militar para a Fábrica Presidente Vargas. Aos domingos, conduzia-os para a missa, na igreja de São José. Como motorista de ônibus trabalhou até a aposentadoria, com 70 anos de idade e 45 anos de serviço.

Quando chegou a Piquete, "Zé Rosa" foi morar na pensão do Sr. Rafael Gulo, onde conheceu sua primeira esposa, Geraldina Alves da Silva, com quem teve 5 filhos.

Após enviuvar, casou-se com a cunhada, Maria Benedita Alves Silva, tendo mais 6 filhos. Zé Rosa é conhecido por todos na cidade como o motorista do ônibus da Fábrica, profissão que exerceu por 31 anos.

Seu ônibus era freqüentemente requisitado para romarias a Aparecida, visitas a Feiras e Exposições em São Paulo e Rio de Janeiro, e transporte dos músicos do famoso Jazz Band da Fábrica e dos atletas do Esporte Clube Estrela. Seu Rosa também é lembrado por muitas gerações de estudantes. Guarda inúmeras passagens pitorescas. Bem humorado, recorda-se das diversas vezes em que teve de aguardar que a torcida adversária, furiosa, vencida pelo time piquetense, se acalmasse, para que pudesse deixar o estádio com segurança. Quando o jogo era contra o tradicional rival Hepacaré, de Lorena, ganhando ou perdendo, a situação era a mesma: deixar o estádio lorenense só com proteção policial... O mesmo acontecia em Piquete, com o time do Hepacaré...

Seu Rosa, com seu largo sorriso, é certeza de uma conversa agradável e horas de boas histórias sobre um tempo que não volta mais...

Com freqüência, o ônibus da Fábrica, dirigido por Zé Rosa, era solicitado para levar piquetenses para Aparecida. Na foto, de 1945, Zé Rosa (de uniforme) e romeiros em frente à Basílica de Aparecida

Foto arquivo Pro-Memória

Não criamos os filhos para nós, mas para o mundo.

De uma coisa, nós, os pais, temos certeza: "não criamos os filhos para nós, mas para o mundo". Mas, para que mundo? O mundo em que hoje vivemos é globalizado, consumista, competitivo e pobre de valores morais. É marcado pela adversidade, pela esgarçadura social, pela violência generalizada e também pela exclusão. Formar homens e mulheres para viverem neste mundo não é tarefa simples. É, na verdade, um grande desafio.

Por isso, os pais têm o dever de assumir integralmente o seu papel na formação segura da criança e do jovem. Devem oferecer aos filhos condições para que se desenvolvam de forma sadia, ou seja, precisam intervir de forma educativa. Não se omitir e não abrir mão da autoridade. Nada de passividade. Na prática, significa total envolvimento na vida do filho. Participação pró-ativa. Saber tudo o que ele faz, com quem se relaciona, do que gosta, de como percebe as coisas e interpreta as muitas informações que recebe. A que programas assiste na televisão, que sites visita na internet, quais jogos aprecia e tudo o que lhe dá prazer.

Para que essa participação não se confunda com o mero controle ou abuso da autoridade, é necessário que se estabeleça um canal aberto de diálogo, confiança e fidelidade entre pais e filhos. Esse canal se estabelece por meio de laços afetivos e vínculos positivos e apoiadores.

Como fazer com que os pais adquiram essa consciência do papel que possuem na vida dos filhos e dos cidadãos que entregarão ao mundo? Na realidade brasileira, muitos pais têm apenas como referencial uma infância marcada pela violência, pelo descaso, pela falta de educação, de saúde e de segurança. Uma vida marcada pelo alijamento das condições sociais mínimas.

Para uma nação e uma sociedade que pretendam se desenvolver, reconhecer a importância do papel da família é fundamental. Para tanto, paralelo à ampliação da legislação voltada à proteção da criança e do jovem, faz-se extremamente urgente o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à família, para que esta possa constituir um locus privilegiado de desenvolvimento humano e social. Punir pais negligentes não resolve a questão central e nem retira a criança da marginalidade social, muito pelo contrário. Suas vidas já estarão marcadas. Tais políticas devem contemplar programas que orientem e ajudem os pais a melhor exercer suas funções, pois de uma outra coisa temos certeza: "todo o pai quer o melhor para o seu filho", mas, às vezes, ele não sabe o que fazer e como fazer.

Laura Cristina Chaves

Anotando

Alameda dos Indaguaçus, Piquete, 8 de julho de 2004

As folhas caídas sob a ação do inverno completam mais um ciclo... contam o tempo e a memória.

Há 72 anos a Revolução Constitucionalista marcava o Brasil e, especialmente, São Paulo, em nome de um ideário estruturado na contestação a um governo de bases totalitárias e irregularmente instalado. O povo levantou-se na capital do Estado, arregimentou-se e o processo revolucionário até aqui chegou. 9 de Julho tornou-se a data referencial por ter nela eclodido aquele movimento que, comandado a partir de São Paulo pelas elites e a Força Pública, teve revestido sobre si a pecha de separatista.

Em Piquete, a Revolução desalojou famílias, embarcadas em conjunto num trem de campanha para a capital, ameaçado em todo o percurso, deixando atrás casas, móveis, animais de criação e de estimação, pertences de grande porte, os empregos, a segurança e a perspectiva de futuro, e, mergulhados numa incógnita cruel, sofreram muito. Lembro-me do pungente depoimento de Dona Eudóxia Leite Carvalho e dos que ouvi dos meus familiares, pois, embora também eu tivesse sido protagonista da cena, não possuía cabedal para discernir o que estava acontecendo. Minha família registrava um desfilar de memória, sempre combinado à expressão: "No tempo da Revolução...".

Hoje, Piquete possui uma rua e uma praça com os nomes de 9 de Julho. A primeira, situada no Bairro do Alto da Bela Vista, e a praça, a compor a bifurcação entre a rua Américo Brasiliense e a Avenida Luiz Arantes Júnior.

Neste 9 de Julho de 2004, não há comemorações. Talvez elas não sejam mesmo necessárias. Mas, a rememoração, sim, como reforço de cidadania. Fechou-se o primeiro semestre escolar do chamado ano letivo. Foi lembrado o evento nos estudos do conhecimento da história local? Os professores se detiveram sobre o tema?

A praça 9 de Julho contém um jardim reformado e já vituperado pelo lixo. É assim que a praça se preparou para o seu dia referencial. Embora as belas árvores, e particularmente, o ipê roxo florido tivessem contrastado.

Saberiam os alunos a razão dos registros dos nomes das ruas da cidade? Pelo menos daquelas nas quais moram? Saberiam que os nomes de ruas não servem apenas para endereçar cartas e encomendas? Ou cobranças de serviços e impostos? Saberiam até indicar posições pelos nomes das ruas? Cada nome de logradouro registra um evento ou o nome de uma pessoa com uma história de vida. Não deveriam ter sua escolha apenas pelo sabor ou lembrança de um edil a propor um projeto.

Mesmo assim, alguns nomes não foram lembrados e entre esses nomes, por exemplo, o de dona Finoca (Josefa Moreira de Andrade – 1895-1974), parteira incansável de sucessivas gerações. Há outras abnegadas não favorecidas pela homenagem.

Esquece-se rapidamente. Mas, aos que mantiveram viva a citação de "No tempo da Revolução", com certeza, o evento de curta duração fizesse remeter à angústia de migrar sob pressão, e de retornar, com júbilo, em nome de uma democracia defendida com lutas, na busca de direitos e do dever equilibrados. É bom meditar sobre essas questões democráticas de escolhas livres, e do próprio uso do princípio democrático, muitas vezes deturpado.

Se não, só nos restará o passado?

Dóli de Castro Ferreira

Que a moça do FOX vá para o Catolé do Rocha

Neste mês de agosto, dei-me a sentir falta de Getúlio Vargas. Não que eu tenha qualquer simpatia pelas ditadura e os ditadores, mas não posso deixar de reconhecer que o período em que ele esteve à frente do poder federal foi único e muito marcante na nossa história.

A presença de Getúlio podia não ser tão bela quanto a de Anita, mas pelo menos era inteligente e assumida, pois ao longo de sua vida, esse homem cultivou dois profundos e incondicionais amores: com o poder e com o Brasil, ou com a idéia de Brasil que ele velava com dedicação em sua mente e que jamais se cansou de partilhar com os brasileiros. Nesse tempo, ninguém sentia vergonha por ser brasileiro, os símbolos nacionais estavam presentes no material escolar dos futuros brasileiros, junto com imagens de crianças saudáveis, escoteiros e estudantes, embora todas brancas, mas com os cabelos e olhos escuros, típicos do branco mediterrâneo que constitui o cerne do povo branco português. Nunca os brasileiros estudaram, conheceram e amaram tanto a sua pátria. Os estrangeiros é que inventavam desculpas para vir pro Brasil!

No início de agosto, eu estava reparando o que havia impresso na capa dos colecionadores, pastas e cadernos de meus alunos e constatei a presença do ursinho Puff, do Tweety (mais conhecido como Piu-Piu), das Powerpuff Girls, sem falar dos indefectíveis personagens Disney, e atentei para a direção em que o Brasil mudara depois que Getúlio se foi. Para o mal de meus pecados, ainda vi-me bombardeado nesses últimos meses por uma peça publicitária assinada por sua protagonista, uma modelo de feições tipicamente nórdicas e de nome impronunciável, cujo texto era um dos mais antibrasileiros que eu já ouvi.

A modelo recebe, por uma amiga, um convite para fazer a propagande de um carro compacto, mas recusa (= vejam como sou rica!) por ter grande estatura (= vejam como sou alta!) e pede para a amiga inventar uma desculpa (= vejam como a minha palavra não vale nada!), dizendo que ela fora para Nova Iorque (= vejam como sou importante!)...

Carro compacto? No tempo de Getúlio, dizia-se "carro popular", mas a defasagem entre o preço dos veículos e a renda média da população cresceu tanto, que é uma cruel ironia chamar qualquer carro grande, hoje, de popular – quem quer carro popular tem que procurar em loja de um e noventa e nove. Agora, aqui para nós, essa propaganda devia ser antecedida por um sinal qualquer, um apito, uma explosão, o som de descarga, etc., para dar tempo de tirarmos as crianças da sala, a fim de não presenciarem um adulto tão grande, metro e vinte só de "perrrna", fazer a apologia pública da mentira ("inventa uma desculpa"). Por que ela não podia simplesmente dizer um educado e claro "não" para quem fez o convite, como faz qualquer um, até adolescente, que tenha caráter? Agora vejam: a criança escuta, no ambiente desconfortável e superlotado de uma escola pública, o seu modesto e não tão belo e jovem professor apregoar as vantagens de uma vida honesta e verdadeira, ao mesmo tempo em que assiste, no conforto de seu lar, a uma pessoa jovem, rica e bem sucedida incentivar o oposto. Em quem ela vai acreditar? No Brasil, se anjo da guarda de criança fosse funcionário público, estaria frito, viveria fazendo hora extra.

Essa modelo, ao invés de freqüentar as baladas novaiorquinas, bem que podia fazer um "tour" pelo interiorzão desse Brasil, principalmente no Nordeste. Lá, certamente, não há o glamour da estátua da liberdade dos americanos, mas ela teria a rara oportunidade de conhecer muitas pessoas que assistem as suas infelizes declarações, e que a receberiam com a alegria e a humildade que ela tão naturalmente conspurcou. Gente que tem de estatura o que ela tem de perna, que não rejeitaria convite nem para fazer comercial em troca de comida, porque vive com um salário mínimo ou menos, que só viaja quando é para ir ao santuário mais próximo para pagar uma promessa, porque preza muito sua palavra e a dos santos, e que é tão desimportante que, a cada dois anos, vê um monte de gente importante, vindo de cidades importantes, prometendo-lhes coisas que jamais farão.

Em agosto de 54 nós perdemos Getúlio, mas com ele nós começamos a perder também, entre outras coisas, a essência, o Brasil brasileiro, confiante e orgulhoso de si mesmo. Hoje, deuses loiros, grandes e sarados falam em nome, mas não no nome da nação morena, nanica e subnutrida. Mas que ninguém me entenda mal! Certamente que essa modelo não ficaria perdida no Brasil getulista; longe de nós tão extravagante preconceito, sem falar que o presidente era famoso pelo seu "bom gosto", mas, certamente, não a deixariam falar tanto.

Prof. Eduardo Simões

Getúlio Vargas e seu legado

1930 – Eclode a Revolução de 30. Um grupo de militares exige a renúncia do presidente Washington Luiz. Getúlio assume o governo.

1931 – É promulgada, em março, a Lei de Sindicalização, subordinando os sindicatos ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, recém-criado.

1932 – Promulgação do Código Eleitoral, que cria a Justiça Eleitoral e institui o voto secreto e o voto feminino. Em 9-07 eclode a Revolução Constitucionalista em São Paulo, que é derrotada pelo Governo Provisório em outubro. Fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB), de inspiração fascista.

– *Em 11 de agosto é preso, por tropas constitucionalistas, em domicílio, o coronel diretor da Fábrica José Pompeu Albuquerque Cavalcanti e sua oficialidade*

1933 – Em março, realizam-se eleições e, no dia 15 de novembro, instala-se a Assembléia Nacional Constituinte.

1934 – Em julho, a Assembléia Nacional Constituinte promulga uma nova constituição e elege Getúlio como Presidente da República.

1935 – Grupos ligados à Aliança Nacional Libertadora (ANL) promovem revoltas em quartéis de Natal, Recife e Rio de Janeiro, num episódio que ficaria conhecido como Intentona Comunista.

1937 – Instauração da ditadura do Estado Novo. Uma nova Constituição é outorgada ao país. O Congresso é fechado e os partidos políticos são extintos.

1938 – Integralistas atacam o Palácio Guanabara, onde o presidente e sua família se encontravam.

1939 – *Em 17 de julho, Getúlio Vargas discursa na Fábrica de Piquete, ressaltando a importância do aparelhamento das Forças Armadas.*

Foto arquivo Pro-Memória

Getúlio Vargas durante sua primeira visita a Fábrica de Piquete, em 17 de julho de 1939

– Criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. Tem início a Segunda Guerra Mundial.

1940 – *Em 25 de outubro, Getúlio visita novamente a Fábrica de Piquete.*

– No Dia do Trabalho, 1º de Maio, a lei do salário mínimo, de 1938, entra em vigor.

1941 – Criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Instalação, em todo país, da Justiça do Trabalho.

1942 – *Por Ato Ministerial e Aviso nº 3.231, a Fábrica de Piquete passa a denominar-se Fábrica Presidente Vargas.*

– O Brasil declara guerra ao Eixo, completando seu alinhamento com os EUA.

1943 – No Dia do Trabalho, é anunciada a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

1945 – Criação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 29 de outubro, Vargas é deposto pelo Alto Comando do Exército. Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente e Vargas deputado por sete estados e senador pelo Rio Grande do Sul e São Paulo.

1946 – Dutra toma posse em janeiro. Em setembro, a Assembléia Nacional promulga a nova Constituição.

1950 – Candidato do PTB, Vargas é eleito, em outubro, presidente da República.

1951 – Getúlio toma posse e privilegia medidas que considera necessárias para a industrialização do país.

1952 – Vargas inaugura o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e estatiza a geração de energia elétrica, decidido a lutar pelos interesses nacionais.

1953 – João Goulart (PTB), ministro do Trabalho, propõe aumento de 100% no salário mínimo. É criada a PETROBRAS e instituído o monopólio estatal na produção de petróleo. Essas medidas provocam a reação dos conservadores liderados pela UDN.

1954 – Atentado contra Carlos Lacerda (UDN) provoca a crise do "mar de lama". Na madrugada de 24 de agosto, durante reunião ministerial, no Palácio do Catete, Getúlio é pressionado a renunciar ou ser deposto. Horas depois, o presidente suicida-se. Com a morte de Vargas, Jango assume a responsabilidade de continuar sua obra, sob a bandeira do trabalhismo.

Desfile da "Semana da Raça"

Foto arquivo Pro-Memória

Alunos do Ginásio Industrial, em 1943

Foto arquivo Pro-Memória

Operários desfilam uniformizados em 1941

Foto arquivo Pro-Memória

Entre as várias iniciativas que transformaram a educação durante a era Vargas está a criação de um sistema de ensino unificado, igual de Norte a Sul do país, coerente e integrado. A experiência educacional ocorrida em Piquete na década de 40 dos 1900 tornou-se referência nacional, sendo citada nos trabalhos do renomado pedagogo Lourenço Filho. Nas duas visitas que fez a Piquete, Getúlio inaugurou diversas obras e, a partir de 1942, a Fábrica de Piquete passou a ser denominada Fábrica Presidente Vargas, lembrança imortalizada no "Pórtico da FPV".

Getúlio em Piquete (1940)

Foto arquivo Pro-Memória

Pórtico da FPV

Foto arquivo Pro-Memória

Getúlio em Piquete (1940)

Foto arquivo Pro-Memória

Memorial dos moradores de Piquete

Maria Geralda (Maria Geralda Cláudio)

"Uma pessoa é tão velha quanto imagina ser". Dino Preti

Conversar com Maria Geralda é sentir um caldo doce escoando de um recipiente, na dosagem certa do açúcar para torná-lo doce. Mas, sem açucará-lo. Ou seja, é fruir um sabor de mel de fina elaboração de abelhas mestras na arte de obter das melhores flores os fluidos dos anúncios de primaveras plenas de prazer. Sob os sons dos estrídulos variados, do voejar juvenil, aos acordes dos cantos de galos madrugadores, dos sons audíveis das estrelas, para quem quer ouvi-las. É sinfonia das bem elaboradas, na sintonia fina dos ouvidos privilegiados.

Na tarde tranqüila de um dia de verão, fiquei a ouvir Maria Geralda, com imenso prazer. Intemporalmente. Prefiro não datar. A idade dela, 90 ou 92 (ela mistura os dados), creio não ser importante como dado numérico. É idosa, mas conserva um viço de juventude. Acumula tempo na pele marcada por pequenas manchas na cor apurada nos vapores das cozinhas e na temperatura dos fornos. Revela-se nos humores desprendidos dos grandes tachos de cobre a apurar goiabadas, marmeladas, figos em calda, talhos de abóbora. Nos gestos, as mãos revelam os modelados dos beijinhos, cajuzinhos, olhos-de-sogra, cocadas, bom-bocados... de sabores inigualáveis. Construídos à perfeição.

Não vou biografá-la aqui. O nosso "O ESTAFETA" já o fez. Ficarei mais na pessoa à minha frente, repleta de memória: verdadeira caixa de tesouros a buscar. Um prêmio fazê-los aflorar sob as camadas do tempo: viçosos, não empoeirados. Chegando aos poucos. Ouvindo com paciência. Sem pressas. Sem idéias pré-fixadas. Nem negociações. Por isso, a idade é só registro secular no tempo.

À medida que as sombras no anúncio do crepúsculo iam-se alongando nos pontos elevados do contraforte serrano e no dossel das árvores, Maria Geralda discorria, recorrente às suas lembranças. Mostrava-me os seus conceitos de mundo.

Sob vários aspectos, "entre as deficiências redundantes da inaptidão de organizar o discurso", de acordo com Dino Preti, em "A Linguagem dos Idosos", (Contexto, 1991, 27), Maria Geralda fazia para mim um relato de tempo, locais, pessoas, eventos, numa certa natural desorganização, entre uma insistente busca de um dado aparentemente perdido e de outro a solicitar urgências. Alguma angústia nos olhos. A fala, entretanto, mansa, pausada, com hiatos significativos. Desfilavam o "Velho", Major Carlos Ribeiro, das hierarquias da Guarda Nacional e seu séquito. Titulo aquinhoado das benesses, não das hostes militares. Degrau acima das hierarquias sociais. Referência aos titulados, fazendeiros, proprietários, negociantes e capitalistas da elite baseada no café ou na produção rural.

Maria Geralda, degrau abaixo, num mundo de mulheres a saborear sabores nas cozinhas das casas amplas, a recender temperos, a apurar, apurar, apurar... As mais velhas preparando as mais jovens. As sábias mulheres a tresandar nos cozidos e assados os suores dos fogões a lenha e fornos de barro.

Pãezinhos, broas, refogados, aves, caça e muitos assados. Compassados nas várias refeições. Nos abanquetados. Nas receitas tradicionais passadas oralmente. Nos raminhos de decoração nas tolhas rendadas das sinhás. Nos batizados, casamentos, anúncios solenes de noivados, acordos políticos, intrigas, intrigas, intrigas... Para as visitas, com as honras da casa.

Na cozinha do Hotel das Palmeiras do Coronel José Mariano e família pontificavam as sábias negras cozinheiras, as mulatas, as pardas. Ali surgiu Maria Geralda, filha de Minervina Serra, que veio de Mato Grosso, e se acompanhou das Rosas, Rosinhas, Zezés e do mundo de crianças que nasciam ao sabor do mel fluido, dos adocicados dos tachos, das fervuras do feijão, do fubá, dos caldos de galinha...

Provar desses acepipes, glória dos deuses.

Doces bem caprichados? Maria Geralda. Grife, como diríamos hoje.

Enquanto conversava, Maria Geralda citava, um tanto sem ordem, padres, filhas de Maria, igrejas... Eu apenas ouvia, ou para facilitar, propunha uma lembrança. Nela, Maria Geralda se apoiava e encadeava memórias como fios de pérolas raras: a Revolução (memória recorrente dos idosos de Piquete – a Revolução Constitucionalista de 1932), que a levou e a mãe para São Paulo, a Fábrica (sem ser necessário designá-la pelo nome completo). E mais ainda, o Grupo Escolar, os professores, o bom ensino. O empenho. As festas. As datas cívicas. As comemorações. Os desfiles militarizados. Os prefeitos. As famílias representativas de um tempo de hierarquização. Os tipos populares. Os mais humildes. Os enterros e as procissões.

A sempre e sempre lembrada família dos Ribeiros da Silva, à qual serviram Maria Geralda e sua mãe, a lembrar um a um, a ter saudades, a recomendar visita à Cecília, em São Paulo, guardiã de uma referência emblemática da velha Piquete de coronéis, majores e capitães de uma guarda de honrarias, efígies e representações.

Os doces de Maria Geralda, levados para mim em São Paulo, nos árduos tempos da faculdade, ameniza-vam minhas angústias.

Na visita recente que lhe fiz, uma fatia de goiabada e queijo cumpriram um compromisso. O da cordialidade. Era agradável o sabor.

Mas, ela me disse: "Não foi feito por mim. Já não posso fazê-lo".

Na casa bonita em que ela hoje mora solitária, devem estar presentes todos os que a rodearam e com os quais ela fez composições inesquecíveis.

Memorizando, ela repete: "Como era bom aquele tempo..." O tempo das matronas, relativos e seu séquito de serviçais. De mulheres que, como Maria Geralda, foram o símbolo mais representativo. O apoio, o pano de fundo, sem o qual nenhuma peça tem destaque. Por isso, enquanto os soldados revolucionários, ou os da parada festiva, cadenciam seus passos nas marchas, e os hóspedes de um hotel já quase imaginário se anunciam, refunde-se um tempo mítico, tresandado nas dobras das cortinas das janelas da Maria Geralda de hoje, sob os sóis, as brumas, o gotejar das meia-águas do telhado e da lua em suas fases. Nonagenária, ela vive só. Caminha pela cidade. Cumpre seus compromissos. Conversei com ela a 8 de julho de 2004 e ela confirmou os dados que me fornecera em uma entrevista anterior (2002).

Maria Geralda ama a vida. Seus olhos dizem isso. Lúcida, refina-se no seu modo de ser.

Dóli de Castro Ferreira.

Maria Geralda freqüentou o Hotel das Palmeiras, onde trabalhou sua mãe, a primeira a esquerda. Reverente à memória de Carlos Ribeiro da Silva, foi testemunha de inúmeros importantes acontecimentos políticos de nossa cidade. Foto de 20-10--1942. Maria Geralda é a 2º da dir. para esq., na 2ª fila.

Foto arquivo Pro-Memória

O zurro do burro

Edival da Silva C astro

Sou um burro bonito. Cinza escuro, orelhas grandes e pelos eriçados. Sou resistentes às longas caminhadas e de tração, por excelência. Por isso fui escolhido pra amassar barro numa pipa de olaria.

Um dia, logo de manhãzinha, cingiram meu corpo e pescoço com pilchas. Depois fizeram-me rodar, rodar, rodar...

As voltas ininterruptas fatigavam-me. Não tinha a quem recorrer. O oleiro não me parava pro devido descanso, tampouco pra matar minha sede e fome.

A lida ia do amanhecer ao anoitecer.

O lema era barro e mais barro pra encher as formas, pra depois elas irem ao forno. Os tijolos eram cozidos aos milhares e eu lá, burro mesmo, só rodava, rodava, rodava...

À noite, quando me punham no pasto, não tinha ânimo de andar de tanto ter andado durante o dia. O capim suculento estava sob minhas ventas, mas eu ficava a ruminar o desejo. Cabisbaixo, pensativo, às vezes, me coçava num mourão da cerca. O relento era minha estrebaria.

O dia mal repontava pro meu tormento começar. Pra mim, o oleiro aspirava trabalho.

Com voz de mando, gritava:

Traz o burro pra pipa! Está na hora de virar o barro!

Tanto tempo se passou e não notaram que eu passei.

Agora estava idoso. Tão idoso, que nem seria preciso baixar minha maxila pra espiar meus dentes.

Outro dia, à tardinha, não aguentei o repuxo. Meu corpo suava. Eu sequioso e aquelas coisas pesando no meu lombo. Parei. Ajoelhei.

O oleiro, vendo que não tinha mais jeito, desatrelou-me e me soltou no campo. Lá fiquei abandonado, solitário e de olhar remelento, branco-avermelhado.

Inda ouvi quando ele disse:

Agora é a vez do burrico castanho-fulvo! O cinza já era!

As voltas que dei no picadeiro, amassando barro, são incontáveis, inimagináveis.

Espero que a terra que irá me cobrir seja mais leve do que aquela da pia, a qual buli a vida inteira.

Ah, seu eu fosse um puro sangue!

Crônicas Pitorescas

Diálogo de Vinténs

Palmyro Masiero

A – Você notou como quase todos os políticos fazem a mesma jogada?

B – Não captei bem a intenção da pergunta...

A – Pior é que os aspirantes a entrar no círculo mordômico já rezam pela mesma cartilha!

B – Demagogia?

A – Conhece "*O Príncipe*"?

B – Lá sou gente pra conhecer príncipe!

A – Falo do livro "*O Príncipe*", de Nicoló Machiavelli.

B – Ouvi comentários... Um livro sobre política, não é isso?

A – Vamos dizer que sim. Mas como me referia, parece que os homens que estão por cima e os pretendentes a desbancá-los têm essa obra como breviário.

B – Então o livro é um espanto!

A – Pontos de vista... O autor estudou durante quase quinze anos a "Arte do Estado" para escrevê-lo. Pra você sentir o peso do bruxo, Bayle, no século XVII, já dizia que "maquiavelismo e a arte de reinar tiranicamente são termos sinônimos". Morou? O negócio é segurar o poder a qualquer preço, doa a quem doer, estoure onde estourar!

B –Mas, a que vem essas suas observações?

A – Porque estou escrevendo um livro que será a antítese do "*O Príncipe*".

B – Como é que é?

A – O autor Maquiavelli virou Maquiavel, de onde surgiu o maquiavelismo. Este tomou a conotação maligna e a ela funde-se o da razão do Estado. Sendo assim, quem conhece bem o livro e atualiza seus capítulos, para grudar no poder, está sempre na crista. Os que tentam ser poderosos também o utilizam. Vem, então, a grande pergunta: como ficam os que não postulam nada?

B – E eu é que sei?!

A – Aí é que está. Ninguém que saber. Por isso estou escrevendo "***O Miserável***".

B – Victor Hugo já escreveu um, de cunho social, com esse título.

A – O dele chama-se "*Os Miseráveis*", e nele o herói foi condenado a trabalhos forçados por roubar um pão. Atualíssimo! O meu não tem nada a ver com isso. Terá, como no "*O Príncipe*", XXVI capítulos. Ali, em romanos mesmo!

B – A quem é dirigido e que mensagem leva?

A – Pelo título, o alvo está evidente. Quanto à mensagem, nenhuma. Seu objetivo é ensinar o povão como suportar a lambada advinda dos maquiavelistas. Em cada capítulo, eu transformo o proposto para os poderosos em meios do miserável conseguir sobreviver à porretada. Entendeu?!

B – Começou a escrever o livro?

A – Os dois primeiros capítulos. Em "*O Príncipe*", o Capítulo I tem como título "*De quantas espécies são os principados e de quantos modos se adquirem*". Já em "*O Miserável*", o título é o seguinte: "*De que escala é o político e de quantos modos pode me acertar*". Técnicas de jogo de cintura...

B – Tô pegando a coisa..

A – O Capítulo II de "*O Príncipe*" trata "*Dos principados hereditários*". O mesmo capítulo no meu livro cuida "*Dos Políticos Profissionais*". É como dar nomes aos bois.

Cara, essa obra vai ser um sucesso!

A – Não tô botando muita fé, não!

B – Que motivo?

A – A clientela.... Onde vai arranjar dinheiro para comprar o livro esse bando de pés-rapados, duros e miseráveis em que foi transformada a grande massa eleitora desse país, além dos seus quase 50% de analfabetos??!!

Participe da vida de nossa cidade, comparecendo aos eventos promovidos pela comunidade

Fazenda Mundo Novo I
O paraíso é aqui...

Bairro Mundo Novo - Piquete - SP
Tel.: (11) 296-6818 e (12) 3156-8068

www.fmundonovo.cjb.net

A casa do meu pai

Rossana Masiero

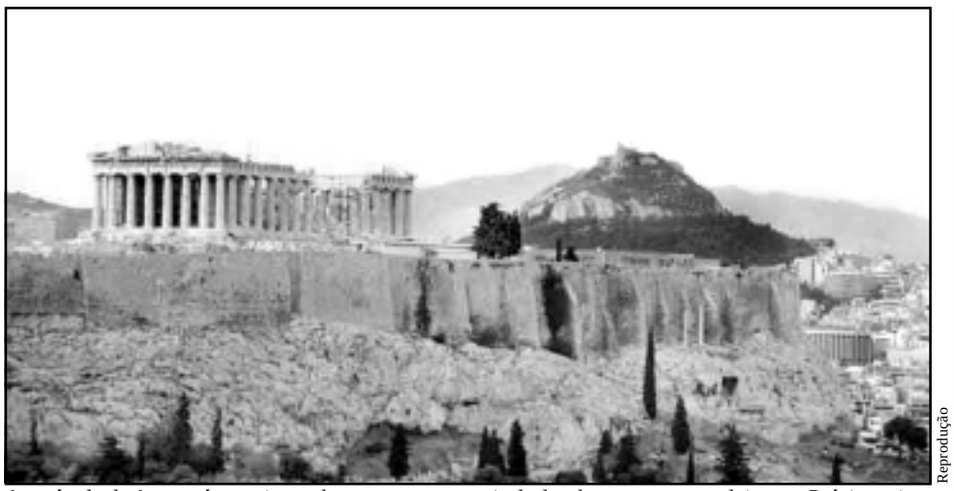
Sua casa, meu pai, está tão cheia.
Inexistência presente em cada canto.
Já no portão de entrada – o vazio...
Debruça-se um nada, me espiando.

O mato no jardim crescendo insano.
Desrespeitoso, invade o meu viver.
O sofá de sua sala impregnado
Da imensa falta que me faz você.

Um cinzeiro vazio me afronta,
Com cheiro de uma súbita ausência.
Eu permaneço, pai, e me dou conta
Da absurda ironia da existência.

Sua foto me sorri por sobre a estante,
Entulhada de momentos e saudade.
E eu vejo nos seus olhos todo dia
Brilhando o céu azul da eternidade!

Agosto / 2004



Reprodução

A acrópole de Atenas é o conjunto de monumentos mais deslumbrantes que nos deixou a Grécia antiga. A visão de seus templos, de rara beleza, traz à memória os nomes de grande vultos do passado: o estadista Péricles, o arquiteto Ictino e o escultor Fídias.

Os Jogos Olímpicos

Desde tempos imemoriais o homem pratica esportes, buscando o aperfeiçoamento físico e mental. As mais antigas crônicas sobre feitos esportivos são gregas. Os helenos os praticavam assiduamente, por julgarem que, com isso, haveria menos guerras e pestes, como teria afirmado, segundo a tradição, a deusa Athena. As Ollimpíadas originaram-se dos antigos jogos gregos, que eram realizados em Olímpia desde o século 8a.C. Em 393 d.C. esses jogos foram banidos pelo imperador cristão Teodósio I, provavelmente por suas práticas pagãs – era hábito dedicarem as vitórias aos deuses.

A marca mais importante da cultura grega nos jogos não tinha relação com estádios ou cerimônia – a herança mais viva é o gosto pela disputa esportiva e a transformação dos campeões em ídolos. "Na Hélade antiga (Grécia), o espírito de competição e o ideal esportivo adquiriam uma posição vital na vida social, pela primeira vez na história da humanidade".

No calendário grego, contavam-se os anos pelas Olimpíadas, o que dá uma idéia da importância atribuída a elas. Nos textos gregos que chegaram até nós, abundam exemplos de glorificação dos heróis coroados pelos louros da vitória nas Olimpíadas. Os jogos eram, como hoje, disputados no verão. Um armistício era declarado em todo o mundo helênico, para que os campeões de cada cidade viajassem em segurança para Olímpia. A cidade atraía filósofos, poetas e artistas. Tratava-se de um festival de caráter não apenas esportivo, mas também religioso, político e artístico. Qualquer um podia assistir aos jogos, menos as mulheres – as que transgredissem essa regra eram jogadas do alto de um rochedo.

A programação variou ao longo dos séculos, mas, em geral, os jogos duravam cinco dias. O atleta chegava a Olímpia com um mês de antecedência e apenas os que se mostrassem bem preparados podiam competir. Muitos contratavam treinadores profissionais. Os campeões das provas – corridas a pé e a cavalo, lutas, saltos e arremessos – recebiam uma coroa de ramos de oliveira selvagem, originalmente plantadas, segundo a lenda, por Hércules. Corriam nus – tradição surgida, conta-se, quando um atleta perdeu a roupa em plena corrida. A violação das regras, como suborno ou quebra do armistício, era punida com multa, eliminação ou até açoitamento.

Poucos desses detalhes sobreviveram nos jogos de hoje. Há, no entanto, pelo menos uma semelhança importante: a exaltação da vitória de um atleta como a vitória de uma nação.

As Olimpíadas foram reeditadas 15 séculos depois, em Paris, quando o barão Pierre de Coubertin lançou um apelo para a renovação dos Jogos Olímpicos. Isso foi decidido em 23 de junho de 1894. Em seguida, foi criado o primeiro Comitê Olímpico Internacional, com quinze membros. Os primeiros jogos da era moderna foram realizados em Atenas, em 1896. Os jogos em que os atletas representam seus países realizam-se de quatro em quatro anos, em uma cidade diferente. São celebrados regularmente desde 1896, exceto em 1916, 1940 e 1944. Hoje em dia, atletas de mais de 200 países participam das competições em mais de 20 modalidades esportivas.

Os Jogos Olímpicos irmanam os homens no sadio esforço competitivo em busca da perfeição. ***Antônio Carlos Chaves***

Parthenon

Reprodução

Quem governa o município?

Os poderes do município são o ***Executivo*** (representado pelo Prefeito) e o ***Legislativo*** (representado pelos Vereadores) e devem funcionar assim:

O povo apresenta suas necessidades (por exemplo: mais escolas, postos de saúde, asfaltamento, rede de água, etc.) à Câmara ou ao Prefeito. A Câmara e o Prefeito tomam as medidas para atender ao povo, elaborando, para isso, um orçamento municipal.

Vale ressaltar que a Câmara não faz parte da Prefeitura – é um órgão independente.

Qual é o papel da Câmara

a) Levantar a situação do município e ouvir as necessidades do povo, propondo, então, soluções adequadas para essas reivindicações;

b) Aprovar e acrescentar propostas ao Orçamento Municipal, que é a lista de programas e projetos em que o Prefeito pretende usar o dinheiro público.

c) Fiscalizar os atos do Prefeito, isto é: verificar se o Prefeito está cumprindo o orçamento e se não há desvios de verba na Prefeitura;

d) Criar leis que beneficiem o povo – por exemplo, leis de proteção às águas.

Qual é o papel do Prefeito?

O Prefeito tem como função administrar o município, segundo a vontade do povo e com a aprovação da Câmara. Para isso, a Constituição obriga o Prefeito a ouvir os Conselhos Municipais (da Saúde, da Educação, da Criança e Adolescente, etc.)

O Prefeito tem poder para:

– Contratar funcionários (por concurso e com aprovação da Câmara) como médicos, professores, motoristas, etc.

– Contratar empresas, por meio de licitações ou outro instrumento legal, para a execução de obras cujas verbas constem do orçamento.

– Desapropriar, comprar e emprestar terrenos – desde que as verbas estejam previstas no orçamento municipal – para a instalação de edifícios públicos.

– Comprar materiais e máquinas para a Prefeitura, se houver previsão dos gastos no Orçamento, e colocá-las a serviço da população.

– Organizar, por meio de decretos, os serviços públicos como transporte coletivo municipal, saúde, educação, etc.

– Propor leis à aprovação da Câmara Municipal.

Qual é o papel dos Vereadores?

Os vereadores são os membros da Câmara Municipal e têm como função ***fiscalizar os atos do Prefeito e legislar.***

Somente os vereadores podem aprovar leis e cassar, com base em justificativas plausíveis, o mandato do prefeito e de outros vereadores, aprovar o orçamento municipal, fiscalizar, com o auxílio do Tribunal de Contas do Estado, os atos do prefeito.